



Vozes da Dissidência e a Organização das Lutas e Resistências: Uma Edição Especial sobre a América Latina

Maria Ceci Misoczky

Voices of Dissent and the Organization of Struggles and Resistances: A Special Issue on Latin America

Há um ano escrevi –juntamente com *Miguel Imas*– uma proposta para um número especial de *ephemera* sobre a América Latina. A principal razão e objetivo era contribuir para o avanço da internacionalização das lutas e resistências. O texto escrito naquele momento foi, de fato, um guia para a produção dessa edição e, também, o meio para entrar em contato com os potenciais autores. Por isso, reproduzo a proposta na sua versão original para, posteriormente, apresentar o contexto e os artigos desse número especial.

A Proposta

América Latina: uma dinâmica e vertiginosa paisagem de narrativas mágicas e tempestuosas, vividas no cotidiano caótico de nossas cidades, nas lutas pela vida em nossos campos imensos, e expressa na beleza poética da nossa gente. Uma terra uma vez ocupada por orgulhosas tribos nômades, como os Araucanos e os

A year ago, I sent – jointly with *Miguel Imas* – a proposal for an *ephemera* special issue on Latin America. The main reason and aim was to contribute to advancing the internationalization of struggles and resistances. The text we wrote then became, in fact, the guidance for the production of this issue, and also the means for getting in touch with potential authors. Hence, let me present the proposal as it was then before I present the context and the articles of this issue.

The Proposal

Latin America: an ongoing and unfolding landscape of magical and storming narratives, lived in the chaotic subtlety of our cities, in the struggle for life in our immense fields, and expressed in the poetic beauty of our diverse people. A land roamed once by proud nomad tribes, such as the Araucanos and the Guaranys, who never yield. A land where the Aztecs

Guaranys. Uma terra onde os Astecas e Incas construíram algumas das sociedades mais organizadas e dos impérios mais impressionantes que o mundo já ouviu falar. Uma terra devastada por terríveis conquistadores em seu esforço para reinventar a nossa gente, provocando séculos de guerra, dor, pobreza, doenças; gerando novos discursos sob os quais recriaram e leram esse território majestoso e sua história. Uma terra que tem produzido inumeráveis revoluções, ditaduras, mitos e contos que refletem a natureza enigmática e mítica de nossa existência (des)organizada.

Guerras e processos pacíficos de independência produziram, no século XIX, a reorganização da terra em distintos países, sob um panóptico na forma da Doutrina Monroe dos Estados Unidos. Nem mesmo o grande libertador continental, Simon Bolívar, conseguiu realizar o sonho de uma grande nação sob uma única bandeira. Em vez disso, emergiram nação após nação, com suas próprias tradições, religiões, leis, sistemas políticos, negócios, costumes, folclore e história. A chegada de imigrantes europeus e japoneses, escravos africanos, comerciantes palestinos e sírios, trabalhadores chineses, entre tantos outros, acrescentaram mais 'cores' à nossa sempre ativa e fragmentada *bricolage* de pessoas. No século XX essa *bricolage* explodiu nas novas megalópolis e no campo, enquanto, com diferentes ideologias e regimes, alguns lutavam para emancipar a população crescente. Lutas e revoluções em Cuba e na América Central (como o Movimento Sandinista), mesmo a ascensão de políticos populistas, tais como Juan Domingo Perón na Argentina, trouxeram um pouco do ar fresco do otimismo para os grupos indígenas, camponeses, trabalhadores e mineiros submetidos a viver, nas favelas, pobreza e exploração. A revolução democrática introduzida pelo governo

and Incas constructed some of the most outstanding empires and organized societies that the world has ever heard of. A land crashed by the daunting conquerors and their effort to re-invent our people, bringing centuries of war, pain, poverty, disease and new discourses with which to recreate and read this majestic territory and its history. A land that has produced innumerable revolutions, dictatorships, myths and tales that come to reflect the enigmatic and mystic nature of its (dis)organized existence.

Wars and pacifying processes of independence in the 19th century saw the emerging re-organized nature of the land in distinctive independent countries under a *panopticon*, in the form of the Monroe Doctrine of the United States. Not even one of the great continental liberators, Simon Bolívar, managed to fulfill the dream of one big nation under one banner. Instead, nation after nation emerged with its own traditions, religions, laws, political systems, businesses, customs, folklore and history. The arrival of European and Japanese immigrants, African slaves, Palestinian and Syrian traders, Chinese workers, amongst others, added more 'color' to this ever melting and fragmented *bricolage* of people. By the 20th century the *bricolage* exploded in the new *mega-polis* and countryside as Latin Americans dealt with different ideologies and regimes to emancipate their growing populations. Struggles and revolutions in Cuba and Central America (e.g. the Sandinista movement), even the rise of 'caudillo' populist politicians such as Juan Domingo Peron in Argentina, gave way to a fresh air of optimism among the embattled indigenous groups, peasants, workers and miners submitted to live in slums (*favellas* and *callampas*), poverty and exploitation. The democratic revolution introduced by Salvador

socialista da *Unidad Popular* de Salvador Allende, no Chile, gerou a esperança de que era possível reclamar pacificamente o direito à terra e a seus recursos, e dispô-los do modo que o coletivo considerasse o mais apropriado para proteger suas necessidades e dignidade.

No entanto, o desejo de emancipação de sociedades em seus territórios só gerou mais violência, repressão e tortura, com a instauração de ditaduras militares pelo continente afora. Todas apoiadas pelo governo e pelas multinacionais norte-americanas, que perceberam a liberação da América Latina como uma ameaça a seu discurso hegemônico e, mais importante, ao seu controle sobre nossos ricos recursos naturais.

Pelo menos por duas décadas muitos países estiveram sob regimes sangrentos; Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Assim, o terror organizado –sob os auspícios do discurso da economia de mercado neoliberal disfarçado na grande narrativa do progresso– foi imposto à maioria da população da América Latina. Estes regimes, compartilhando uma ideologia anti-comunista e organizados como uma rede de violência –sempre com o apoio dos Estados Unidos– disseminaram a destruição não apenas de vidas, mas também de idéias. Universidades foram fechadas ou censuradas, acadêmicos foram assassinados, forçados ao exílio ou a silenciar suas vozes.

O neoliberalismo, introduzido pelos regimes autoritários ganhou legitimidade durante a transição das ditaduras para as democracias representativas. Durante as últimas décadas governança e harmonia foram as marcas usadas pela nova ordem para qualificar como subversiva qualquer busca de alternativa. Some-se a isso a propalada ameaça de desordem, incerteza, instabilidade monetária, usada como

Allende's *Unidad Popular* socialist government in Chile gave hope to the belief that it was possible to reclaim peacefully the right to the land and its resources and to dispose them in whatever way the collective felt most appropriate, in order to protect their needs and dignity.

However, the desire for emancipation by the local societies only sparked more violence, repression, persecution and torture by the instauration of military dictatorships across the continent, supported by the United States government and its multinational businesses, which perceived the liberation of Latin Americans as a threat to their hegemonic discourse and most importantly their control over our rich natural resources.

For at least two decades, many countries were under bloody regimes; Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Paraguay, Peru, and Uruguay. Thus, organized terror under the auspice of neoliberal market economic discourses dressed in 'grand-narratives of progress' were imposed on most of the people living in Latin America. These regimes, sharing an anti-communist ideology and organized as a network of violence – always with the support of the United States – spread destruction not only of lives, but also of ideas. Universities were closed or censored; academics were murdered, forced into exile or to silence their voices.

Neoliberalism, introduced by authoritarian regimes, gained legitimacy during the *transition* from dictatorship to representative democracy. During the last decades governance and partial peace were the labels used by the new order to qualify any alternative as subversive. In addition, the threat of disorder, uncertainty and monetary instability has been used as an excuse to silence the

desculpa para silenciar vozes rebeldes.

voices of rebellion.

Ainda assim, na América Latina a marcha do neoliberalismo não avançou sem resistência. Desde o Rio Grande no México até a Patagônia chilena, novos movimentos, lutas e resistências organizadas emergem para reclamar o direito de viver em igualdade e com dignidade, e a melhoria das condições de vida e trabalho. Podemos facilmente mencionar alguns exemplos: a organização da resistência pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra; a luta para colocar Pinochet na prisão e a busca incansável das Mães da Praça de Mayo por seus filhos e netos desaparecidos durante a ditadura militar argentina; a destituição de presidentes pela insurgência popular no Equador, Argentina e Bolívia; a organização dos povos indígenas em muitos países, principalmente na região andina, lutando por sua cultura e pelo direito de explorar os recursos naturais.

Yet, in Latin America, the march of neoliberalism has not been without resistance. From the Rio Grande in Mexico to the Chilean Patagonia, new movements and organized resistance emerged to reclaim their right to live in equality, with dignity and to improve their working and living conditions. We can easily mention some examples: the organization of resistance by the Zapatista Army of National Liberation and the Landless Workers Movement; the struggle to put Pinochet on trial; the enduring search of the Mothers of the Plaza de Mayo for their children and grandchildren who disappeared under the military regime in Argentina; the destitution of presidents by popular insurgence in Ecuador, Argentina and Bolivia; the organization of indigenous people in many countries, mainly in the Andes region, fighting for their culture and for the right to exploit natural resources.

Esta tradição de lutas, apesar de derrotas e adversidades, tem sido representada por muitos artistas populares, como Victor Jara, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Silvio Rodriguez, Chico Buarque de Holanda, e tantos outros; escritores e poetas como Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marquez, Mario Benedetti, Julio Cortazar, Antônio Callado, e outros; combatentes idolatrados, tais como Sandino, Marighela, e o mítico Che. Uma longa tradição de autores, em busca da construção de um discurso capaz de contribuir teoricamente, na política e na filosofia, tem estado sempre presente, de José Enrique Rodó e José Carlos Mariátegui a Rodolfo Kusch, Paulo Freire, Orlando Fals Borda, Enrique Dussel, Aníbal Quijano.

These traditions of struggle, despite defeats and adversities have been represented by: many popular artists such as Victor Jara, Mercedes Sosa, Violeta Parra, Silvio Rodriguez, Chico Buarque de Holanda and many more; writers and poets such as Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marquez, Mario Benedetti, Julio Cortazar, Antônio Callado and others; idolized combatants, such as Sandino, Marighela, and the mythic Che. A tradition of Latin American theorists, in search of local discourses that provide political and philosophical guidance, has always been present: from Jose Enrique Rodó and José Carlos Mariátegui to Rodolfo Kusch, Paulo Freire, Orlando Fals Borda, Enrique Dussel and Aníbal Quijano.

Portanto, o objetivo desse número especial é informar aos leitores de todos os lugares sobre a organização das lutas e resistências

Hence, the aim of this special issue is to inform readers across the globe about the

em curso, e sobre as tensões vividas e experimentadas por tantos latino-americanos. Ao fazê-lo, este número especial quer evitar as generalizações simplificadoras sobre a América Latina, explorando áreas nas qual a emergência desses movimentos reflete as lutas contínuas pela libertação. Também é nosso objetivo considerar o contexto político e a sempre presente ameaça interna da repressão e da intervenção externa. Ainda, queremos evitar uma visão ingênua, unidimensional, ou super otimista da intensidade dos movimentos através do continente.

Em síntese, esperamos que essa edição desperte o interesse sobre como nós – latino-americanos – estamos lidando com esses problemas: sobrevivendo, organizando a resistência, construindo alternativas, abrindo novos espaços. Pensamos que essa pode ser uma importante contribuição no sentido de que outros indivíduos e grupos decidam pesquisar e escrever sobre essas organizações. Também pensamos que esse pode ser um espaço de mútuo reconhecimento para aqueles que trabalham na América Latina e para todos nós, não importa onde nos localizemos, interessados em contribuir para a organização da luta e da resistência.

Esse Número Especial

Na América Latina estamos vivendo um intenso momento de “la articulación de las resistencias, de desarrollo conjunto de propuestas políticas abiertas, de desarrollo del pensamiento propio, de rescate y afianzamiento de los conocimientos, de fortalecimiento de la comunicación y de las interacciones entre quienes resisten” (León, 2006: 23). Esse momento só pode acontecer porque nosso contexto tem sido

organization of the ongoing struggles and resistances and the tensions lived and experienced by so many Latin Americans. By doing this, this special issue intends to move away from over-generalizations about Latin America into unexplored areas in which the emergence of these movements reflects the continuing struggles for liberation. We also aim to consider the political context and the always present threat of internal repression and external intervention. Still, we do not intend to present a naïve monovoice and an over-optimistic view of the intensity of movements throughout the continent.

In sum, we want this issue to be a catapult for interest in how Latin Americans are dealing with these issues; coping, organizing resistance, providing alternatives and opening new forums. We think this will mark an important contribution into the way other individuals and groups decide to do research and write about these organizations. We also think that it may provide a space for mutual recognition for those working in isolation inside Latin America and for all of us, no matter where we are, interested in contributing to the practice of organizing struggle and resistance.

This Special Issue

In Latin America we are living an intense moment of “articulation of resistances, collective construction of open political proposals, development of original references in connection with the rescue of traditional knowledge, improvement of communication and articulation among those that resist” (León, 2006: 23). This moment only happens because our context has been marked by a tradition of five

marcado por uma tradição de cinco séculos de lutas e pela produção teórica e política conectada a essas lutas revolucionárias e populares.

Michael Löwy, durante sua apresentação no último Fórum Social Mundial em Caracas, mencionou três momentos da cultura política do movimento internacional por uma outra globalização: protesto, resistência e utopia.

O *protesto* se relaciona com as muitas formas de expressar indignação contra o liberalismo-capitalismo-imperialismo; é o momento do grande NÃO! do YA BASTA! É usualmente criticado por ser puro negativismo.

O momento das *propostas*, apesar de ser claramente positivo, é usualmente criticado por ser não aceitável ou não realista. Rauber (2004) considera a existência de quatro tipos de propostas. Propostas para superar emergências sociais relacionadas à sobrevivência e usualmente articuladas em torno de problemas como fome, desemprego, saúde, educação, etc. Esses são componentes de primeira ordem no nosso contexto de resistências e lutas. Outro tipo de proposta se relaciona às lutas por melhores salários, condições de vida, liberdade sexual, etc. Também podemos ter propostas para a reestruturação do sistema: taxa Tobin, democratização das Nações Unidas (essas propostas usualmente se originam no Norte Global). Finalmente, temos propostas e demandas com uma clara estratégia alternativa, no sentido de questionar e transformar as irracionalidades do sistema. Aqui podemos encontrar propostas como a defesa da água como um bem público, a luta pela reforma agrária ou contra as monoculturas.

No momento *utópico* temos aspirações subversivas por outra civilização, além do capitalismo, imperialismo e neo-

centuries of struggles, and a theoretical and political production connected to these popular and revolutionary struggles. This special issue is a consequence and recognition of this moment.

Michael Löwy, during his presentation at the last World Social Forum in Caracas, talked about three moments in the political culture of the alter-globalization movement: protest, proposals and utopia.

Protest is related to many forms of expressing indignation against neoliberalism-capitalism-imperialism; it is the moment of the NO! of the YA BASTA! It is usually criticized for being pure negativism.

The moment of *proposals*, despite being clearly positive, is usually criticized for being not acceptable and non-realist. Rauber (2004) considers the existence of four kinds of proposals. Proposals to overcome social emergencies related to survival and usually articulated around issues like hunger, unemployment, health, education, etc. These are first-order components in our context of resistances and struggles. Another kind of proposal is related to struggles for better income, working conditions, sexual freedom, etc. We can also have proposals for the re-structuration of the system: Tobin tax, democratization of the United Nations (these proposals usually originate from the Global North). Finally, we have proposals and demands with a clear alternative strategy, in the sense that they question and transform the irrationalities of the system; here we can find proposals like the defense of water as a public good, the struggle for land reform or against monocultures.

In the *utopian* moment we have subversive aspirations for another civilization, beyond capitalism,

liberalismo; entretanto sem afirmações programáticas ou organizações unificadas.

Em nosso contexto esses momentos podem ser expressos por diferentes tipos de discurso. De acordo com Volnovich (2002), escrevendo no contexto da crise econômica argentina de 2001-2002, existem três discursos em circulação: o discurso do sofrimento, o discurso da resistência e o discurso da luta.

O discurso do sofrimento descreve as infinitas maneiras das penúrias econômicas e miséria cultural que o capitalismo de nossos dias impõe. Tenta definir os parâmetros que possam medir a 'dor país', o despedaçamento interior, a devastação cotidiana: o discurso do sofrimento esclarece o impacto em mulheres e homens; esclarece como as meninas e os meninos, como os adolescentes são afetados pela exclusão social, pelo desemprego, pela falta de equidade na distribuição de bens simbólicos e materiais; esclarece a sanção e confirmação de uma temporalidade sem futuro [...].

O discurso da resistência tem a virtude de ressaltar a construção de novas formas para enfrentar a política de arrasamento e extermínio delineada pelos centros capitalistas. [...] Esse discurso apela para a construção e reconstrução de laços sociais e exalta o indiscutível mérito de uma trama urbana baseada em redes solidárias e criativas. Registro da originalidade com que homens e mulheres aceitam o desafio de sobreviver a despeito dos que estão convencidos de que sobramos, o discurso da resistência põe o foco nas engenhosas formas de gerenciar a miséria que nos resta, nas propostas alternativas para administrar a decadência [...].

Agora, escolho dedicar-me ao discurso da luta. Vou me referir aos esforços que realizam homens e mulheres para incorporar-se de maneira inovadora na produção. Também vou me referir aos obstáculos e interdições que tendem a neutralizar a eficácia dessa incorporação, e às infinitas maneiras como o sistema de dominação captura toda iniciativa destinada a questioná-lo, transformando em pura repetição o que surge como inovação. Na atualidade, a

imperialism and neoliberalism; however, without programmatic statements or unified organizations.

In our context, these moments can be expressed within different kinds of discourses. According to Volnovich (2002), writing in the context of the Argentinean economic crisis of 2001-2002, there are three discourses circulating; the discourse of suffering, the discourse of resistance and the discourse of struggle:

The discourse of suffering describes the many ways of feeling the pain of economic scarcity and cultural misery that the capitalism of our days imposes. It tries to define the parameters that can measure the 'country pain', the daily devastation: the discourse of suffering highlights the impact of social exclusion and unemployment, the lack of equity in the distribution of symbolic and material goods, the sanctions and co-validation of a time without future [...].

The discourse of resistance has the virtue of stressing the construction of new forms of confronting the strategies of extermination designed by the capitalist centers. [...] This discourse appeals to the construction and to the re-construction of social links; and honors the merits of an urban web based on creativity and solidarity. However, the discourse of resistance has its focus on forms of managing the misery, on proposals to administrate our decadence [...].

The discourse of struggle refers to the efforts made by men and women to incorporate themselves in creative ways of production. It also refers to the obstacles and interdictions that tend to neutralize the efficacy of this incorporation, and also to the many ways by which the system captures every initiative directed to question it, transforming in pure repetition what emerges as innovation. The methodology adopted by the *piquetero* movement – self-organized assemblies, workers co-operatives that take control of occupied factories, and different organizations of the unemployed – carry the marks of the women's movement:

metodologia adotada pelo movimento piquetero, pelas assembléias autoconvocadas, pelas cooperativas operárias que assumem a direção de fábricas 'quebradas', pelas diferentes organizações de desocupados, levam a marca do feminismo e do Movimento de Mulheres [...]: a horizontalidade [...], a posição crítica sobre a teoria da representação [...], a autonomia com autogestão [...].

O discurso do sofrimento, iniludível e necessário como é, corre o risco de levar água para o moinho da vitimização e do masoquismo [...] O discurso da resistência, desejável e inevitável como é, corre o risco de contribuir para a hipóstase da permanência, para a idealização do durar, para a exaltação paliativa mais como fim em si mesma que como um meio para realizar mudanças revolucionárias. Ambos os discursos, o do sofrimento e o da resistência, podem ter efeitos desmobilizadores e reacionários frente às mudanças que se avizinham. Aspiro a que o discurso da luta comparta, desde uma posição privilegiada, seu lugar com o discurso do sofrimento e com o discurso da resistência. (Volnovich, 2002, minha tradução)

Os artigos desse número especial nos contam sobre protestos, propostas, utopias; expressam discursos sobre o inevitável sofrimento, a necessária resistência, sempre emoldurados pela perspectiva da luta; porque é na luta para construir mundos alternativos que experimentamos novas práticas de organização.

Para começar temos o ensaio fotográfico de *Eduardo Seidl*. As fotos expressam a beleza da nossa gente, a diversidade da nossa terra, diferentes modos de sobreviver, momentos de luta, sentimentos de religiosidade. Quando as vi pela primeira vez o que imediatamente chamou minha atenção foi que –em lugares e momentos tão diferentes, alguns deles em meio à tensão– havia sempre confiança e orgulho nos olhares.

O artigo teórico de *Miguel Mazzeo* recusa a conexão naturalizada entre organização e

horizontalidade, a crítica posição concernente representação, autonomia e auto-gestão [...].

The discourse of suffering, necessary as it is, runs the risk of taking water to the river of victimization and masochism. The discourse of resistance, desirable and inevitable as it is, runs the risk of contributing to hypostasis and permanence, of idealizing permanence, of becoming a palliative exaltation – as an end in itself instead of a means to achieve revolutionary changes. Both discourses can have demobilizing and reactionary effects, despite the importance of its articulation. I aspire that the discourse of struggle could share, from a privileged position, the space with the discourses of suffering and resistance. (Volnovich, 2002, my translation)

The articles of this special issue tell us about protests, proposals, utopias; they express the discourses of the unavoidable suffering, of the necessary resistance, always framed by the perspective of struggle; because it is in the struggle to construct alternative worlds that we experience new practices of organization.

To begin with we have the photographic essay by *Eduardo Seidl*. The pictures express the beauty of our people, the diversity of our landscape, different ways of surviving, moments of struggle, feelings of religiosity. When I first saw them, what caught my attention was how in such different places and moments – some of them full of tension – there is always confidence and pride.

Miguel Mazzeo's theoretical paper refuses the naturalized connection between organization and oppression and the supposition that emancipation does not need organization. The institution-movement dichotomy, expressing the opposition between conservatism-bureaucratization and change-horizontality, needs, according to Miguel, to be overcome by a more complex

opressão, bem como a suposição de que a emancipação não precisa de organização. A dicotomia instituição-movimento, expressando a oposição entre conservação-burocratização e mudança-horizontalidade, precisa, de acordo com Miguel, ser superada através de uma reflexão complexa e prática, na direção de uma relação dialética entre organização social e movimento político – uma relação que transforma cada uma das partes e permite o surgimento de algo diferente e melhor. O desafio de construir um movimento político, como uma organização de organizações, como um corpo de ampla inclusão, deve ser considerado a partir do espaço de práxis significantes, evitando posições políticas e ideológicas *a priori*. Esse artigo é uma importante contribuição para o debate político no campo das práticas organizacionais onde, para muitos ativistas e acadêmicos, ‘estratégia’ e ‘organização’ são palavras proibidas.

Um problema óbvio para organizar esse número especial é o intenso dinamismo de nosso contexto. Durante o processo de editá-lo, ao longo de um ano, os eventos se moveram rapidamente. Portanto, os artigos devem ser considerados como registros de certos momentos políticos e históricos. Entretanto, isso não significa que estejam superados. Pelo contrário, o artigo de *Pablo Mamani* foi incluído exatamente porque é um documento histórico de um momento decisivo; quando em 2003 a população de El Alto, Bolívia, organizou *una rebelión desde abajo*, ajudando a depor um Presidente, proclamando a demanda pela nacionalização dos hidrocarbonetos – o que veio a ser parte de medidas presidenciais de Evo Morales há poucos meses. Esse artigo é também sobre uma realização organizacional: de baixo para cima centenas de micro-organizações autônomas foram capazes de se tornar atores críticos de um movimento que

reflection and practice, moving towards a dialectic relationship between social organization and political movement; a relationship that transforms each part and gives rise to something different and better. The challenge of constructing a political movement, as an organization of organizations, as a body of wide inclusion, should be considered from a place of significant praxis, avoiding previous political and ideological positions. This paper is an important contribution to the political debates in the field of organizational practices where, for many activists and academics, ‘strategy’ and ‘organization’ are forbidden words.

One obvious problem of organizing this special issue has been the intense dynamism of our context. During the course of editing this issue over the past year or so the events have moved quickly. Therefore, the papers should be taken as registers of a certain historical and political moment. However, this does not mean that they are outdated. On the contrary, the paper of *Pablo Mamani* was included exactly because it is a historical document of a decisive moment; when in 2003 the people of El Alto, Bolivia, organized *una rebelión desde abajo* (a rebellion from below), helped to depose a President, and proclaimed the demand for the nationalization of hydrocarbons – something that was part of Evo Morales’ presidential measures a few months ago. This article is also about an organizational achievement: from the bottom-up hundreds of autonomous micro-organizations were able to become critical actors in a movement that helped to change the country.

The organization of the struggle in Bolivia has an obvious connection with the indigenous tradition and culture. It is part of a wider process that articulates many indigenous movements. In a meeting in El

ajudou a mudar o país.

A organização das lutas na Bolívia tem uma óbvia conexão com a tradição e a cultura dos povos indígenas. É parte de um processo mais amplo que articula muitos movimentos. Em um Encontro realizado em El Alto, em março de 2006, com a presença de movimentos indígenas do Equador, Bolívia e México, o ponto central de debate foi a relação entre movimento indígena e Estado-nação. Primeiro no Equador, e agora na Bolívia, parte do movimento indígena e popular opera dentro do aparelho de Estado. No Equador o resultado da aliança com Lucio Gutierrez foi uma catástrofe. Na Bolívia contradições entre o governo e os movimentos têm surgido. Uma delas tem sido precisamente a exclusão de formas não partidárias de participação na Assembleia Constituinte. Esse é um dos aspectos discutido no artigo de *Maria Galindo*. No México *la otra campaña* do EZLN, em aliança com outras organizações e forças sociais, representa uma outra abordagem da relação com o Estado. Considerando esse evento e a experiência do Equador, uma das conclusões do Encontro em El Alto foi sobre a necessidade de distinguir entre a dinâmica dos movimentos e as inércias do nível institucional nos limites das práticas liberais.

O artigo de *Pablo Dávalos* é uma expressão de como as dinâmicas e forças do movimento indígena podem exercer, com sucesso, pressão sobre o Estado neoliberal. Pablo nos conta sobre os processos políticos e administrativos de substituição de um Estado industrializante e de bem-estar por um neoliberal, e sua relação com a derrota do movimento operário equatoriano. A emergência do movimento indígena, sua organização e estratégia, precisam ser compreendidas nesse contexto. Na ausência de organizações proletárias, o campo da

Alto in March 2006, which was attended by movements from Ecuador, Bolivia and México, the central point of debate was the relation between indigenous movements and the nation state. First in Ecuador and now in Bolivia, parts of the indigenous and popular movements operate within state apparatuses. In Ecuador the result of the alliance with Lucio Gutierrez was a catastrophe. In Bolivia there are contradictions arising between the government and the movements. One of them has precisely been the Constituent Assembly and the exclusion of non-party forms of participation in the parliament. This is one of the aspects discussed in *Maria Galindo's* paper. In México *la otra campaña* (the other campaign) from the EZLN in alliance with other organizations and social forces represents another approach to the relation with the state. Considering this event and the experience of Ecuador, one of the conclusions of the meeting in El Alto was the need to distinguish between the dynamics of the movements and the inertias of the institutional level within the limits of liberal practices.

The paper by *Pablo Dávalos* is an expression of how the dynamics and strengths of the indigenous movements can successfully put pressure on the neoliberal state. Pablo tells us about the political and administrative process of substituting the industrializing Welfare State with the neoliberal State and its relation to the defeat of the Ecuadorian working class movement. The emergence of the indigenous movement, its organization and strategy, has to be understood in this context. In the absence of proletarian organizations the field of political dispute was therefore occupied by the indigenous movement assuming a historical role of opposition to national elites. Within a complex web of

disputa política foi ocupado pelos movimentos indígenas, que assumem o papel histórico de oposição às elites nacionais. Em uma rede complexa de instituições, nacionais e internacionais, o movimento indígena resiste a processos de cooptação, enfrenta derrotas, toma decisões controversas, e algumas vezes parece desestruturado. É na oposição ao Tratado de Livre Comércio (TLC), com massivas mobilizações e com uma força surpreendente para confrontar a intensa repressão, que o movimento desarma o sistema político e as elites. Os eventos analisados nesse artigo podem parecer estranhos para alguns leitores do Norte Global. Categorias 'fora de moda' – Estado, nacionalidades e identidades, território como local da política – são centrais nessa narrativa. A intensa conexão entre Estado nacional e capital internacional, o confronto entre instituições internacionais poderosas e movimentos locais, a derrota do discurso do capitalismo global pela cultura ancestral local, são alguns aspectos que chamam a atenção para velhas e novas categorias, no sentido de avançar na nossa aprendizagem a partir da prática.

Para atualizar os eventos: em 15 de maio de 2006 o governo equatoriano decidiu controlar os campos de petróleo explorados pela OXY e os Estados Unidos abandonou as negociações para um TLC bilateral. Não havia opção para o governo fora desse caminho, como nos diz Pablo no final do seu artigo. Como consequência da vitória, o movimento indígena se organiza para produzir mudanças mais radicais, incluindo a nacionalização dos recursos naturais.

Uma outra visão do processo boliviano, desta vez com as lentes do anarquismo e do feminismo, é apresentada no texto escrito por *Maria Galindo* de *Mujeres Creando*. Esse artigo apresenta as propostas políticas de Maria como candidata à Assembléia Constituinte. Ele também expressa uma

institutions, national and international, the indigenous movement resists processes of co-optation, faces defeats, takes controversial decisions, and sometimes seems destructured. It is in their opposition to the Free Trade Agreement (FTA) that massive indigenous mobilizations, with surprising strength in confronting intense repression, disarm the political system and the elites. The events analyzed in this paper may sound quite bizarre to some readers from the Global North. 'Old fashioned' categories – the State, nationalities and identities, territory as a political locus – are central to this narrative. The intense connection between national States and international capital, the confrontation between powerful international institutions and local movements, the defeat of the global capitalist discourse by the centrality of local ancestral culture, are some of the insights from which we can extract old and new theoretical categories in order to advance our learning from practice.

To update the events: on 15 May 2006 the Ecuadorian government decided to control the oil fields exploited by OXY and the USA, thus abandoning the negotiations towards a bilateral FTA. There was no way out for the government, as Pablo tells us at the end of his paper. As a consequence of the victory, the indigenous movement is organizing to produce more radical changes, including the nationalization of natural resources.

Another view from the Bolivian process, this time with the lenses of anarchism and feminism, is presented in the paper written by *Maria Galindo* from *Mujeres Creando*. This paper presents the political proposals by Maria as a candidate for the Constituent Assembly. It also expresses an intense critique of the political process that allowed only traditional, formalized institutions (e.g. parties), excluding

intensa crítica a um processo político que permitiu apenas instituições tradicionais e formalizadas (como partidos políticos), excluindo os movimentos populares dinâmicos. Esse texto, performático com é, problematiza as relações entre a estrutura vertical da organização do Estado e as demandas por participação de organizações de base e horizontais. As contradições entre estrutura e práxis estão muito claras. Ele também expressa uma contradição dialética entre diferentes tipos de identidade: coloca claramente uma questão muito presente nestas partes da América Latina onde o movimento indígena recupera a cultura tradicional – a questão sobre como valorizar uma tradição marcada pelo patriarcalismo e lidar com as lutas de mulheres e o feminismo. Existe ainda outra contradição dialética presente no texto de Maria: o papel da religião em nosso contexto. A teologia da libertação é parte de nossa história de lutas pela emancipação nesse continente. Entretanto, a religião também desempenha um papel disciplinador – principalmente contra mulheres e homossexuais. Em muitos sentidos, um dos aspectos mais relevantes desse artigo é desvelar as muitas e presentes contradições que tendem a ser silenciadas em nome de um objetivo maior.

É claro, Maria Galindo não foi eleita! Uma semana antes da instalação da Assembléia Constituinte, ela enviou uma mensagem comentando o processo eleitoral no qual obteve 1.877 votos. A eleição culminou com um triunfo do Movimiento al Socialismo (MAS) de Evo Morales que, de acordo com ela, vai reescrever com onipotência o grande poder das leis patriarcais.

Ha ganado Evo, ha perdido Eva.

Es así que los 1877 votos cayeron pesadamente dentro de las urnas para sedimentarse bien al fondo y transformarse en abono de rebeldías que nada, ¿nada?, ¡nada! tienen que ver con un proceso

popular dynamic movements from the process. This paper, performative as it is, problematizes the relations between the vertical structure of the organization of the State and the demands for participation from horizontal, grassroots organizations. The contradictions between structure and praxis are quite clear here. It also expresses a dialectical contradiction between different kinds of identity: it poses clearly a question very present in those parts of Latin America where the indigenous movement is claiming the recovery of traditional culture – the question of how to value a tradition marked by patriarchy and deal with the struggles of women and feminism. There is also another dialectical contradiction present in Maria's text: the role of religion in our context. The theology of liberation is part of our history of struggles for emancipation on this continent. However, religion also plays a disciplinary role – mainly against women and homosexuals. In many senses, one of the most relevant aspects of this article is to open up very present contradictions that tend to be silenced in the name of a greater objective.

Of course, Maria Galindo was not elected! One week before the inauguration of the Constituent Assembly, she sent a message commenting on the electoral process in which she obtained 1877 votes. The elections culminated with a triumph of Evo Morales' MAS (Movimiento al Socialismo; Socialist Movement). This, according to her, will mean – with omnipotence and great power – the rewriting of patriarchal laws:

Evo has won, Eva lost.

The 1877 votes fell heavy within the ballot boxes to settle to the bottom and to transform themselves into installment of revolts that have nothing (nothing?, nothing!) to do with an electoral process.

electoral. Son votos que hacen más bien de palanca para tomar decisiones existenciales. Son votos que no construyen representación. Los imagino bailando al fondo de las urnas, cantando y rompiendo el aburrimiento de los cientos de miles de votos que corean un sí y que tienen como contenido una renovada forma de clientelismo estatal, una renovada forma de caudillismo esta vez indígena. [...] los cientos de miles de votos que suicidan dignidades y entierran disidencias. [...] Había que ver cómo se hostigaba a nuestras delegadas con insultos escogidos del gran basurero de la homofobia, del racismo y del machismo. Como se pegaban los busca-pegas por las actas. Como se impusieron los candidatos y las candidatas sin respetar la decisión de las organizaciones, como esos candidatos no asistieron a debates porque tenían como único discurso el “yo soy Evo”. Así se armó esta constituyente a la mala; sin aire para respirar, sin ideas para discutir y sin voluntad de cambiar nada de nada. Como dice el vicepresidente Alvaro García Linera, no se trata de cambiar la Constitución Política del Estado, se trata de reescribirla con otros protagonistas, reescribiendo, reiterando y copiando todos los odios. Reescribir tomando como base las formas de repartija del poder; sea este autonómico, regional o nacionalista. Sea este empresarial, militar, de color de piel, de sexo o de edad. [...] No son las leyes que nos devolverán nuestra maternidad a las mujeres, aunque son leyes y mandatos que nos la expropián. No son leyes que nos devolverán a las mujeres la soberanía sobre nuestros cuerpos aunque son leyes las que nos la arrebatan en violaciones, maternidades impuestas y formas de cosificación varias que nos convierten en cosas sin decisión, ni dignidad. Nuestras familias sin padres seguirán siendo de segunda y de segunda nuestros hijos e hijas. En los colegios religiosos o no, religiosamente repetirán nuestras criaturas que mamá no trabaja, que papá es el que manda y que la patria se la defiende en los cuarteles. Seguirá proscrita del aula la poesía, proscritas las formas del amor entre hombres y entre mujeres. Vetadas las historias y las literaturas que no hagan referencia a héroes, vetadas las historias de quienes se rebelan contra las culturas “originarias” para plasmar peligrosas originalidades. Se refundará el país en base a los elegidos para reescribir las leyes a medida del poder y de los poderosos y a ese hecho y a ese acto se nombra hoy en

These are votes to make existential decisions. These are votes that do not construct representation. I imagine them dancing to the bottom of the ballot boxes, singing and breaking the boredom of the hundreds of thousands of votes that carry a yes and that have as content a renewed form of state ‘clientelism’, a renewed *caudillismo* [rule/cult of a leader] – this time indigenous. [...] hundreds of thousands of votes that suicide dignities and bury dissidences. [...] It had to be seen how they harassed myself and other delegates with insults selected from the great waste basket of homophobia, of racism and machismo! It had to be seen how the candidates were imposed without respecting the decision of the organizations, and how those candidates did not attend the debates because they had only one speech “I am Evo”. This is how this constituent was arranged; without air to breathe, without ideas to discuss and without the will to change anything. [...] As the Vice-President Alvaro Garcia Linera says, it is not about changing the Political Constitution of the State; it is about rewriting it with other protagonists; rewriting, reiterating and copying all hatreds. Rewriting it, taking as its bases the forms of sharing power – be it autonomic, regional or national; be it of the enterprise, of the army, of age or sex or skin color. It is not the law that will give back our maternity, although it is the law and its mandates that expropriate us. It is not the law that will give us back the sovereignty over our bodies; although it is the law that snatches us in violations, imposed maternities and several forms of turning us into objects without decision or dignity. Our families without fathers will continue to be second class; and second class our sons and daughters. In the schools, they will religiously repeat to our children that the mother does not work, that the father is the one who commands and that the country is defended by the army. Poetry will be prohibited in the classroom, and also prohibited the forms of love between men and between women. Histories and stories that do not make reference to heroes will be vetoed; histories of those that rebel against the original cultures to shape dangerous originalities will also be vetoed. The country will be re-founded on the basis of the chosen ones to rewrite the laws in

Bolívia como Asamblea Constituyente.
(Mensagem eletrônica enviada por Maria
Galindo em 29 de julho de 2006, minha
tradução)

accordance with the power of the powerful;
and that fact and that act are today named
in Bolivia as Constituent Assembly. (Maria
Galindo; electronic message sent 29 July
2006, my translation)

Uma das conseqüências mais dramáticas do machismo e do patriarcalismo em nossas sociedades é a violência contra as mulheres. A tragédia de Ciudad Juárez, México –que não tem sido reconhecida por muitas organizações sociais e populares na sua magnitude e concentração em um território específico– produz uma questão óbvia: por que estas mulheres estão sendo assassinadas? O artigo de *Servando Pineda Jaimés* esclarece como a divisão geográfica da produção pelas empresas transnacionais, a intensa exploração de trabalhadores locais, o desemprego e o machismo, se juntam para produzir um número absurdo de mortes e desaparecimentos de mulheres. Essa ligação perversa entre capitalismo e machismo produz um fenômeno que tornou nosso vocabulário insuficiente – a palavra ‘feminicídio’ precisou ser criada.

Após o artigo de Servando se encontra um texto de *Nuestras Hijas de Regreso a Casa* (NHRC) – uma organização social de Ciudad Juárez. Ele oferece mais informações sobre esse fenômeno que é tanto local quanto global. As vítimas podem ser desta parte do mundo, mas a lógica que as gera é sistêmica. A ação de NHRC é tanto um ativismo contra a impunidade como uma intervenção social para satisfazer as necessidades das famílias das vítimas, abandonadas pelo Estado. A decisão de incluir esse texto institucional é nossa contribuição para sua luta.

O segundo artigo de *Miguel Mazzeo*, dedicado a analisar a práxis e algumas conseqüências do movimento piquetero na Argentina, é outro texto onde a teoria é revisada e reconstruída a partir da prática. Aqui, como nos artigos de Pablo Mamani e Pablo Dávalos, a categoria do território ganha centralidade em suas ligações com

One of the most dramatic consequences of *machismo* and patriarchalism in our societies is the violence against women. The tragedy of Ciudad Juárez, México – which has not been recognized by many social and popular organizations in its magnitude and concentration in a specific territory – produced an obvious question: why are those women being murdered? The paper by *Servando Pineda Jaimés* highlights how the geographic division of the production by transnational companies, the intense exploitation of local workers, unemployment as well as *machismo* come together to produce an absurd number of deaths or disappearances of women. It is the perverse link of capitalism and *machismo* producing a social phenomenon that made our vocabulary insufficient – the word ‘femicide’ had to be created.

After Servando’s paper a text by *Nuestras Hijas de Regreso a Casa* (NHRC; *My our Daughters Return Home*), a social organization from Ciudad Juárez, is included. It provides more information about a phenomenon that is both local and global. The victims may be from that particular part of the world, but the logic that generates those victims is systemic. The action of NHRC is both an activism against impunity and a social intervention to fulfill the needs of the victims’ families abandoned by the State. The decision to include this institutional text is our contribution to their struggle.

The second paper by *Miguel Mazzeo*, dedicated to the analysis of the praxis and some of the political consequences of the *piquetero* movement in Argentina, is another text where theory is reviewed and

aspectos organizacionais e políticos. Miguel nos lembra que os nativos da América concebiam o território como um elemento essencial da cultura e do espaço de realização da comunidade. Esta é a razão pela qual, ao longo de 500 anos, os territórios têm sido a base para a resistência e reconstrução dos laços comuns. Em um território as relações sociais são articuladas e o poder gerenciado. No contexto do movimento piquetero, a configuração territorial inscreve relações sociais alternativas. O piquete, como uma ação direta que expõe territorialidades alternativas e, ao mesmo tempo, como uma pré-figuração de uma transformação revolucionária conectada com a construção da organização política, produz oportunidades para o questionamento concreto da dominação política e social. Este é o caso não somente do movimento piquetero, mas também do MST e do EZLN, entre tantas outras organizações na América Latina.

O último artigo, de *Joysinett Moraes da Silva* e *Rafael Vecchio*, trata da história de um sujeito coletivo –o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)– e do uso de um meio simbólico para apoiar e organizar os processos organizativos. A *Mística* é um desempenho teatral que precede todas as atividades coletivas do MST. É uma representação criada para reproduzir acontecimentos de suas próprias lutas. É uma espécie de teatro do oprimido, um instrumento pedagógico e, ao mesmo tempo, uma celebração.

Na proposta, apresentada há mais de um ano atrás, prometemos não apresentar uma visão ingênua, unidimensional, ou super otimista da intensidade dos movimentos através do continente. Tenho a sensação de que realizamos nossa promessa. No entanto, revisando os artigos, prestando atenção nas fotos, e deixando a típica paixão latina aflorar, não posso evitar

re-constructed through practice. Here, as in Pablo Mamani's and also in Pablo Dávalos' papers, the category of territory gains centrality in its link to political and organizational aspects. Miguel reminds us that the native people of America conceive territory as an essential element of the culture and space for the realization of the community. That is the reason why throughout the past 500 years the territories have been the basis for resistance and reconstruction of communal bonds. In a territory social relations are articulated and power is managed. In the context of the *piquetero* movement, the territorial configuration inscribes alternative social relations. The *piquete* (picket) – as a direct action that exposes alternative territorialities and at the same time as a pre-figuration of a revolutionary transformation connected to the construction of political organization – provides opportunities for the concrete questioning of political and social domination. This is the case not only with the *piquetero* movement, but also with the MST and EZLN, amongst many other organizations throughout Latin America.

The last paper, by *Joysinett Moraes da Silva* and *Rafael Vecchio*, mixes the history of a collective subject – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (Landless Workers Movement, MST) – and the use of symbolic means to support and stimulate organizational processes. Their *Mística* is a theatrical performance that precedes all collective activities of the MST. It is a representation, created to reproduce events of their own struggle. It is a kind of theatre of the oppressed, a pedagogical tool and, at the same time, a celebration.

In the proposal, presented more than a year ago, we promised not to present a naïve mono-voice and over-optimistic view of the intensity of movements

encerrar esse editorial com a expressão de uma intensa confiança em nosso futuro, e com o sentimento de um imenso orgulho, porque estamos –no presente– honrando nossa história e nossa tradição de lutas.

throughout our continent. I have the feeling that we have fulfilled that promise. However, reviewing the articles, paying attention to the pictures, and letting the typically Latin passionate temper free for a while, I cannot avoid finishing this editorial without expressing intense confidence in our future and a sense of immense pride, because we are at present honoring our history and our tradition of struggles.

**referências
references**

- II Jornadas Andino Mesoamericanas (2006) *Movimiento indígena: Resistencia y proyecto alternative*. Ciudad de El Alto, 25 March 2006.
- León, I. (2006) 'FSA: La otra América en debate', *La otra América en debate: aportes del I Foro Social Américas*.
- Rauber, I. (2004) *Sujetos políticos: rumbos estratégicos y tareas actuales de los movimientos sociales y políticos en America Latina*. Colombia: Ediciones Desde Abajo. Ecuador: Foro Social Américas.
- Volnovigh, J.C. (2002) 'Tres discursos para un nuevo sugeto político', *Página 12* [<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/psicologia/indez-2002-11-09.html>].

**a editora
the editor**

Maria Ceci Misoczky é docente e pesquisadora de estudos organizacionais no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
E-mail: mcamisoczky@ea.ufrgs.br

Maria Ceci Misoczky teaches Organization Studies on the Postgraduate Programme of Administration at the School of Administration, Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brazil.